

A Urbanização Turística de Caxias do Sul, RS: Uma categoria de análise na produção social do espaço

Revista Rosa dos Ventos

5(3) 408-420, jul-set, 2013

© O(s) Autor(es) 2013

ISSN: 2178-9061

Associada ao:

Programa de Mestrado em

Turismo

Hospedada em:

<http://ucs.br/revistarosadosventos>



*Pedro de Alcântara Bittencourt César¹,
Andrea de Albuquerque Vianna²*

RESUMO

Estuda-se a formação da urbanização turística em contraste com o espaço social do cotidiano de Caxias do Sul, RS. Objetiva-se nesta pesquisa compreender as relações de novos elementos materializados no local, com seus produtores e consumidores, na reprodução social do espaço. Pesquisa de caráter exploratório com embasamento metodológico histórico-genético. Assim, objetiva-se analisar o processo de urbanização como categoria de análise na constituição da malha urbana da cidade. Nesta pesquisa adota-se uma lógica de reconhecimento das contradições nas práticas cotidianas para, ao refutá-las, reconhecer o Turismo como agente transformador. Pontuam-se os equipamentos do cotidiano constituídos, e sua tipificação diferenciada ao se caracterizar para a prática da visitação turística. Parte-se dos aspectos localizacionais da rede hoteleira. Reconhece-se, assim, mesmo em uma cidade essencialmente industrial, o papel do Turismo na configuração das suas estruturas urbanas.

Palavras-chave: Turismo.
Produção do Espaço Turístico.
Equipamentos Turísticos.
Urbanização Turística. Alienação.

ABSTRACT

Touristic Urbanization of Caxias do Sul, RS, Brazil: A category of analysis in the space's social production - Studying the formation

¹ **Pedro de Alcântara Bittencourt César** - Doutor em Geografia. Arquiteto e Urbanista. Professor da Universidade de Caxias do Sul, no Centro de Artes e Arquitetura e no Programa de Pós-Graduação em Turismo – Mestrado. E-mail: pabcesar@ucs.br

² **Andrea de Albuquerque Vianna** - Mestre em Arquitetura e Urbanismo. Bacharel e Especialista em Turismo. Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudos Urbanos da Universidade de Caxias do Sul. Email: andvianna@gmail.com

of touristic urbanization contrasting with the social space of everyday life for Caxias do Sul. This research aims to understand the involvements of new elements materialized in place with its producers and consumers, in the social reproduction of space. This exploratory research has a history-genetic methodological basis. Therefore, the objective is to analyze the urbanization process as a category of analysis in the constitution of the Caxias do Sul urban network. In this research is adopted a logical recognition of the contradictions in the everyday practices and as it was refuted, to recognize tourism as a transforming agent. Points to the constituted everyday equipments, and its distinctive character when is characterized to the practice of touristic visitation. The study was based on the hotel network's locations. It is recognized, so even in a primarily industrial city, the role of tourism in the configuration of their urban structures.

Keywords: Tourism. Touristic Facilities. Social Production. Touristic urbanization. Alienation.

INTRODUÇÃO

As transformações físico-territoriais resultantes das atividades de visitação definem-se como urbanização turística (Luchiari, 1998). O estudo sobre áreas onde ocorrem visitas apresenta uma série de dificuldades quando se busca definir suas categorias de análise, tendo em vista a complexidade do fenômeno no momento atual. Realiza-se, assim, um estudo para entender parte dessas transformações espaciais relacionadas com a atividade turística em Caxias do Sul, RS.

O Turismo em áreas urbanas comumente se dilui entre diversas outras atividades. O 'comprar' pode esconder práticas do cotidiano, entre outras, específicas do turista. Observa-se que as relações sociais nas suas práticas podem se relacionar com as de recreação e contemplação, valores anteriormente atribuídos às ações dos turistas incorporadas ao cotidiano dos moradores locais. Essa situação dificulta uma compreensão por valores com fronteiras definidas e estatuto próprio do Turismo. A fundamentação da visitação turística se constata, inclusive, nas diferenças entre a "lógica de ocio y de producción que se encuentra – en nuestra opinión – la base da especificidad del espacio turístico" (Nicolas, 1999, p.39). Desta maneira, ao se alterar as categorias da produção social, suas resultantes de ocupação temporal na produção, para as materializações espaciais da mesma, buscam-se os valores necessários para a análise, que possibilitam elementos análogos e possíveis para se estabelecer uma comparação. Nesta condição, esta pesquisa adota um reconhecimento das contradições nas práticas cotidianas, para, ao refutá-las, reconhecer as transformações provocadas pelo Turismo.

Caracterizado como produto social, o espaço se apresenta também como local de atividades diversas. Esse reconhecimento da dimensão social precisa ser também compreendido por todas as suas condições físico-ecológicas, localizacionais e representacionais. Sua formação e produção fundamentam-se tendo como sujeito, entre outros agentes, o morador. Este, em seu cotidiano, contrasta com o visitante, aquele que se desloca e se apropria temporariamente de um determinado local e que, ao adentrá-lo, rompe com lógicas existentes e define novos rastros. A partir dessas relações são criados novos valores - com seus produtores e consumidores - do (e no) espaço, ou seja, uma reprodução social que se materializa, a despeito de ser efêmera, definindo-se novos territórios. Aí também se inserem os moradores, envolvidos ou não na empreitada turística. Destes, os que participam diretamente do Turismo, estão a todo instante envolvidos com outros profissionais não residentes (de motoristas a empresários). Assim, é estabelecido um complexo panorama de relações sociais. Espera-se

nesta pesquisa pensar a situação apresentada, não como contexto, mas como parte da formulação de ferramentas e procedimentos metodológicos necessários para a análise do fenômeno turístico.

MATERIAL E MÉTODOS

Objetivando apresentar parâmetros acerca das transformações do espaço por meio da atividade turística em Caxias do Sul, RS, adotam-se como recorte as estruturas urbanas que dão suporte e justificam as transformações espaciais geradas pela visitação e produção social. Analisa-se, assim, o contraste entre o Turismo e as ações cotidianas no Município e se busca compreender as alterações geradas pela visitação. Inicialmente, realiza-se pesquisa exploratória com a finalidade de desenvolver e esclarecer conceitos de uso corrente, sejam eles acadêmicos ou do senso comum. Parte-se do resgate de abordagens utilizadas no âmbito das Ciências Sociais, aproximando-as e contrastando-as.

Assim, para o entendimento do fenômeno do Turismo, Nicolas (1999) afirma que há a necessidade de contrastá-lo com fenômenos de oposição, na formulação das categorias envolvidas. Nos estatutos comumente utilizados, “con la lógica del trabajo se establecen categorías sociales muy claras [...]. Pero en el Turismo, la ubicación social responde al proceso de consumo, a la manera y a las prácticas de consumo de los individuos, con escasas consideraciones sobre la forma como consiguen los recursos necesarios para consumir” (Nicolas, 1999, p.42). O autor afirma ainda que, enquanto a família fundamenta as relações sociais do sistema produtivo, o Turismo remete a práticas de consumo que têm uma flexibilidade na sua constituição social. É possível se realizar um deslocamento espacial e criar atividades de visitação com grupos até mesmo de pessoas desconhecidas. Essa é uma das dificuldades que forçam a fundamentação de análises diferenciadas das usualmente utilizadas, por exemplo, na formação da urbanização turística. Estuda-se a formação da urbanização turística a partir das relações com o espaço urbano existente. Para tal questão, conceitos usados pela Geografia Urbana e no Planejamento Urbano e Regional, como *território* (Haesbaert, 2007) e *estruturas urbanas* (Friedmann & Weaver, 1981) são adotados na pesquisa.

Os espaços produzidos apresentam estatutos conceituais profícuos para a análise das práticas de visitação – turística ou não – através das transformações sociais. Seu caráter, eminentemente contraditório em relação às lógicas das práticas produtivas, é sustentado por uma abordagem dialética, com o objetivo de tornar iminente o entendimento dos contrastes. Estuda-se o espaço, tendo-se referência a conceituação de alienação apresentada por Henri Lefebvre (1961), na qual a alienação é deslocada do espaço da filosofia, onde está profundamente arraigada, para ser transportada para o campo das Ciências Sociais, ou seja, das práticas encontradas na sociedade.

Segundo Konder (2009), a alienação se concretiza a partir do momento em que aquilo que é criação do homem se distancia/aliena dele, tornando-se algo estranho, longe da sua realidade, retratando uma espécie de não consciência do todo. Há que se observar que, assim como há a alienação, há também a desalienação, a retomada de consciência, mesmo que parcial, do homem em relação ao seu trabalho, ao seu espaço, enfim, às suas condições de vida e ao seu papel como agente no espaço-tempo em que vive.

Lefebvre (1961) observa que tanto a alienação quanto a desalienação absolutas são inconcebíveis. As duas, em seu caráter real, não são pensadas nem tampouco determinadas apenas uma em relação à outra; são igualmente um estado e que uma e outra se concebem

em movimento. Associa-se, então, o conceito de alienação a um movimento dialético interminável: alienação – desalienação - nova alienação. Uma atividade desalienante e desalienada pela relação que a precede pode então trazer uma alienação maior. Como exemplo, Lefebvre apresenta alguns casos desse movimento de ir e vir que caracteriza a dialética, aplicado a situações de alienação:

O lazer ‘desaliena’ em relação ao trabalho parcelário, mas comporta como divertimentos e distrações, suas próprias alienações. Tal técnica ‘desaliena’ a atividade humana em relação à natureza ou a uma técnica menos eficaz, mas traz uma alienação tecnológica que pode ser mais profunda (trabalho parcelário, imperativos sociais da técnica, etc). A ‘reprivatização’ da vida cotidiana desaliena em relação ao Estado, à história. Ela aliena suscitando uma ‘privação’ mais profunda, aquela da vida privada, estabelecida na cotidianidade. (Lefebvre, 1962, p. 210. Tradução dos autores)

O autor revela, ainda, que a pior alienação é aquela que traz em si a não consciência ou o total desconhecimento da situação encontrada. A tomada de consciência desse processo é, em si, uma desalienação. No entanto, pode, por sua impermanência e mutabilidade, ser transformada em uma alienação ainda mais profunda. O caminho que encerra a alienação, conduzindo ao possível pode, ele mesmo, conduzir a outra situação alienante e alienada, criando, portanto, o que Lefebvre chama de mutilação, ou nova alienação. Por conseguinte, discorre-se sobre a reificação, que segundo Lukács (*apud* Konder, 2009) é a dissimulação das relações concretas entre os homens, por meio de uma falsa objetividade, o que lhe confere o caráter de **coisa**. Assim, Lefebvre aponta que a reificação da atividade é um caso extremo de alienação, que finda por mascarar a diversidade de formas sob as quais a alienação se apresenta e atua na cotidianidade: a alienação política; a alienação do trabalhador; a da burguesia; a dos grupos sociais; a tecnológica; a alienação feminina, enfim, suas mais variadas vertentes.

Em sua última proposição, Lefebvre aborda a alienação como resultado de uma relação com o outro, relação que faz o outro, ou seja, que altera, transforma uma atividade (consciente de si) em outra coisa. Sem a consciência do outro, toda consciência se interrompe, portanto se bloqueia, de tal forma que na teoria da alienação, a não consciência do outro faz a alienação atingir seu ápice, ela se completa caracterizada como a imobilidade da alienação. “A percepção do outro é fundamental na percepção humana” (Lefebvre, 1961, p.216).

A alienação aqui destacada, referindo-se ao dia a dia de uma cidade turística, pode ser constatada não apenas através da observação do comportamento dos viajantes, mas também, por meio das ações da população residente, refletindo-se diretamente sobre a vida cotidiana do destino em questão. A realidade ilusória criada por ela tem como características a superficialidade e a impermanência, o que se identifica com clareza na prática da atividade turística. O resultado desta ‘realidade irreal’ se vê no surgimento de relações e situações artificiais, frágeis e de pouca ou nenhuma consistência.

Esta não percepção da totalidade, que se instala no destino turístico – ressaltando que a alienação se instala em todos os espaços de vivência do ser humano, em maior ou menor grau, independente de ser um destino turístico ou não – finda por criar um mundo idealizado, que, por sua vez, interfere nos aspectos identitários da comunidade receptora, alterando hábitos, costumes, enfim, sua cultura. Aspectos estes que se relacionam diretamente com a produção e reprodução do espaço.

A alienação, nesta pesquisa, reflete-se como dimensão epistemológica para o entendimento dos contrastes do espaço. Nela, os valores do reconhecimento da atividade, da consciência,

das condições de apropriação social são valores referenciais. A ela incorporam-se referências conceituais do espaço (Santos, 1985 e 2004a), valores da urbanização turística (Mullins, 1991; César, 2010) e produção social de espaço (Lefebvre, 1974) de uma maneira mais ampla.

Tomando-se como base o arcabouço teórico aqui apresentado, realiza-se uma exploração preliminar da cidade, que identifica áreas de localização das unidades hoteleiras, e a sua análise sobre um espaço concreto, cartograficamente definido, onde a localização se relaciona a diversos fatores, de análise superficial, porém pioneira.

É importante ressaltar que, em se tratando de referências conceituais, a formulação das práticas observadas, por diversas vezes nos remete a Santos (1995). Porém, na construção de uma referência teórica do espaço, de Milton Santos (2004a; 2004b), encontram-se também valores utilizados por Henri Lefebvre (1974), principalmente aqueles à forma, função e suas estruturas, situação pouco explorada por pesquisadores que dedicam sua análise à busca pela compreensão do espaço por suas forças produtivas e sociais.

Por fim, o entendimento do homem, enquanto sujeito desta história, é feito por meio de observação indireta, pela análise das formas espaciais deparadas e pela investigação de suas funções. Assim, o pesquisador, ao abarcar as atividades diretamente envolvidas com a visitação, reconhece a sua configuração por uma perspectiva do morador, principalmente aquele que busca na atividade turística elementos para parte de sua reprodução social.

REFORMULAÇÃO ESPACIAL: UMA TEORIA SOCIAL BASEADA NA VISITAÇÃO

Observam-se *estruturas funcionais* na localidade, que a diferenciam e engendram nos sistemas produzidos dos moradores (Timms, 1976). Nelas estabelecem lógicas de envolvimento e confronto dos territórios como um sistema que viabiliza a permanência do visitante (Beni, 2000). Entretanto, distinguir as apropriações de grupos distintos, principalmente dos turistas e dos moradores em sua dinâmica de não envolvimento com essa atividade, requer novas abordagens epistemológicas. Assim, essa condição ainda pouco específica, torna-se um desafio. Espera-se distinguir, ou ao menos reconhecer subjetivamente, esses atores sociais e configurá-los no seu ambiente urbano, condição necessária para compreender a atividade no âmbito espacial. Sua caracterização colabora na formulação metodológica do território turístico, sendo esta característica parte do seu próprio entendimento.

Desta maneira, no reconhecimento de uma urbanização turística, ou seja, a urbanização como resultante da territorialização de um espaço social construído para a visitação, analisam-se seus contrastes. Parte-se do pressuposto que o visitante se apropria do espaço para suas práticas e consumo, produzindo e reproduzindo capital pela produção do local como mercadoria e condição de produção turística diversa. A sociedade atual, definida por Müllins (1991), Soja (1993) e Gottdiener (1997), entre outros, como sociedade pós-moderna, tem seus hábitos alicerçados na atividade de consumo, em contraponto com uma etapa anterior do processo capitalista que se alicerçava na produção, como já predizia Marx (1991). Na atividade de produção, observa-se que a contextualização se faz por atividades de práticas sociais familiares. No consumo, apropriações diversas como a utilização da rede gastronômica, tornam-se frequentes no cotidiano das pessoas. Cada vez mais, as famílias deixam de se reunir em volta de uma mesa de refeição em horas específicas.

A gama de serviços relacionados à hospitalidade de caráter comercial já não é mais utilizada unicamente pelos visitantes. Estes detinham a prática de tais eventos, quase que com exclusividade. Assim, anteriormente, grupos específicos de visitação e de outras atividades pontuais definiam práticas exclusivas que determinavam a formação de locais para o Turismo.

Nessas práticas, definiam-se os valores e a reprodução de suas representações espaciais. Na sociedade atual, os valores de troca estabelecem uma lógica complexa de consumo de produtos e serviços, sem o pragmatismo das tipicidades anteriores.

Soma-se, ainda, o fato de que os espaços de lazer dos moradores são incorporados, cada vez mais, aos do visitante. Locais utilizados e valorizados no cotidiano citadino são muitas vezes apropriados por novos atores sociais. Nas cidades, áreas de recreação, de lazer e de consumo esporádico para passeio e contemplação natural ou cultural são apropriadas e expandidas. Esses espaços, de livre acesso e associados a atividades liberas, adquirem valores de troca e regulamentações específicas. Desta forma, “a cidade, em cada uma das diferentes etapas do processo histórico, assume formas características e funções. Ela seria, assim, em cada época, o produto da divisão, do tipo e dos objetos de trabalho, bem como do poder nela centralizado” (Carlos, 1979, p.53).

As práticas de visitação e lazer, na hospitalidade, confundem-se com as práticas cotidianas. O visitante e o morador utilizam restaurantes e atrativos, entre outros equipamentos urbanos. Assim, uma visão pragmática dificulta o entendimento de valores quantitativos de tipologias possíveis para distingui-los. A caracterização ideal de suas práticas, que remetia à geografia urbana tradicional, cria hiatos na definição do dimensionamento do objeto, ou seja, da territorialidade turística e mesmo na cidade real apropriada pelo morador no seu cotidiano. Tal panorama leva a adotar um cruzamento de valores tradicionais estruturalistas (Beni, 2000) e o reconhecimento dos valores simbólicos adotados na dimensão social (Bailly, 1995). Tem-se como referência teórico-metodológica que o consumo, nas relações das práticas cotidianas, molda e é moldado pelas novas formas espaciais para suas práticas (Harvey, 1996). Sabe-se da complexidade, com relação à questão da inserção do visitante e suas consequências na formação deste espaço. Porém, espera-se superar tais questões na caracterização dessas representações da urbanização turística, ao fundamentar as formas espaciais da visitação.

Pensa-se no espaço por uma perspectiva crítica. Esse referencial reconhece nos seus elementos constituintes, sua sociedade engendrada e as suas forças produtivas. Assim, “o espaço geográfico deve ser concebido como o *produto* das relações que se estabelecem entre a sociedade e os meios circundantes” (Carlos, 1979, p.28). Embora estabeleça uma lógica atribuída para seu estatuto, este se supera como produto por sua dimensão epistemológica espacial. Nesta dimensão incorporam-se as lógicas sociais de uma determinada temporalidade, onde suas relações não são preconcebidas. Estas são produzidas com as relações sociais, por um processo histórico de acúmulos diversos, como os culturais.

Pode-se, assim, ao se basear na análise da ‘produção social do espaço’ (Lefebvre, 1974; Soja, 1993; Gottdiener, 1997) justificar valores para entendimentos mais amplos. Porém, nesta perspectiva, sabe-se que a lógica de produto o distancia de sua dimensão espacial. Este reconhecimento do espaço por seu estatuto ontológico, não se faz descartando como objeto local de relações sociais, de sua sociedade e unidades produtivas. Nesta condição, o filósofo francês Henri Lefebvre desenvolve a *teoria da produção social do espaço* (1974). Marco conceitual no estudo desta prática, nesta obra, associa-se o espaço a sua representação espacial e o seu espaço de representação. Pode-se observar nesta abordagem que a prática espacial abarca a produção e reprodução em localizações particulares e com grupos de características peculiares de cada formação social. Determinam-se lugares que se asseguram continuidade e algum grau de coesão. Em termos sócio espaciais, cada membro de uma relação social para aquele local, provoca coesão num nível garantido de competência e outro específico de desempenho, como abordado por Noam Chomsky, ao retratar o espaço linguístico (Lefebvre, 1974).

A sociedade externa uma relação dual entre produção e reprodução, em proposições e pressuposição de prática social. O espaço se apresenta relacionado à sociedade e suas práticas. Toda esta interrelação se reflete em um espaço percebido e cotidiano do trabalho, do lazer, da vida privada com todas as rotinas e especificidades. As práticas sociais criam distâncias e aproximações sociais. As *representações espaciais* ligam-se às relações de produção e à 'ordem' que essas relações impõem e, conseqüentemente, ao conhecimento, aos sinais, aos códigos, e às 'relações frontais' (Lefebvre, 1974, p.33). Estas remetem a um espaço técnico, intelectualizado, artístico, em uma lógica de linguagem, de signos. Pode ser o espaço abstrato da formação de ideologias, conceitos, formas de externar comunicações, como de interiorizar domínios de práticas sócio espaciais e de alienações. Espaço concebido pelo profissional do espaço, que o abstrai, transformando-o em um jogo de compreensão, alienação e ideologia, resultando em processos de mudanças entre dominados e dominadores. Espaço concebido porque, sendo uma amálgama de compreensão e ideologia, resulta em processos de mudanças quando abstraído.

Os *espaços representacionais* encarnam simbolismos complexos, às vezes codificados, às vezes não, unidos ao lado clandestino ou subterrâneo da vida social, como também para a arte (que pode vir, eventualmente a ser definido menos como um código espacial do que como um código espacial representacional) (Lefebvre, 1974). Espaço vivido na associação de imagens e símbolos, com os habitantes deste e neste espaço e mantendo uma relação dialética restrita com o intelectual do espaço, por meio da síntese de suas obras. Espaço das obras concretas, da dominação da imagem e da imaginação vivenciada. Nele se apropriam e contextualizam o espaço físico, de significados, com as simbologias de suas formas, definições de comportamentos e costumes. Espaços representacionais abstraídos de símbolos não verbais e sinais.

Cada modo de produção tem seu próprio espaço particular, mudança de um modo para outro tem que requerer a produção de um espaço novo. Algumas pessoas reivindicam um *status* especial para o modo de produção que elas consideram como um sistema fechado ou todo acabado; o tipo de pensamento que está procurando transparência ou substancialidade (Lefebvre, 1974, p.46. Tradução do autor).

Nesta relação, os produtores espaciais, aqueles que transformam espaços representando locais com casas, ruas, cidades, o fazem conforme suas representações, seguindo ideologias, processos, transferem para o *usuário*, passivamente, experiências do vivido, imprópriamente impostas, mesmo que com a produção social, este se transforme, reutilizando e desterritorializando. O espaço pode ser compreendido por suas narrativas históricas (Soja, 1993). Assim, sua compreensão cria uma relação entre emancipação e conscientização política que são elementos da análise das práticas sociais e do cotidiano. Na formação da modernidade, a "ordem espacial da existência humana provém da produção (social) da construção da geografia" (Idem, p.35), no mesmo momento em que a lógica temporal se concretiza na construção histórica. Porém, esta nova ordem não é inerente à relação capitalista, mas proporciona uma dialética de reformulação social inserida na relação entre tempo, espaço e modos de produção. Esta tem como contraponto o modernismo, que apresenta pouco comprometimento com as questões espaciais.

No entanto, "a fonte geradora de uma interpretação materialista da espacialidade é o reconhecimento de que a espacialidade é socialmente produzida" (Soja, 1993, p.147). Quanto à sua maneira de análise, têm-se duas questões levantadas: a ilusão da opacidade espacial e a ilusão da transparência, a partir da tese de que os espaços são espaços ilusórios. Na superficialidade encontra-se a base da mensuração, das abstrações cartesianas e de um materialismo oriundo da física social, reduzido à formulação física, o que, por um lado, agrega

valores na acumulação de dados precisos, por outro, substitui a explicação social por aparências. Na ilusão da transparência, reduz-se a construção mental e o espaço social se funda no espaço mental dos fenômenos, o que difere nas formas e não constitui uma cientificidade. Para tais questões Soja propõe a fundição de análise com “o reconhecimento de que a vida social é materialmente constituída em sua geografia histórica, de que as estruturas e as relações espaciais são as manifestações concretas das estruturas e relações sociais que evoluem no tempo, seja qual for a modalidade de produção” (Idem, p.156). Gottdiener (1997) aponta que:

O espaço é uma construção social em todas as suas dimensões. Essa descoberta significa que o que se considera, atualmente, acidental ou epifenomenal, a produção do meio ambiente, deve tornar-se um objeto dirigido do pensamento social. Assim, a transformação da sociedade deve ser feita através de uma criação consciente de novas relações sócio-espaciais que vinculem a transformação da obra à transformação da vida da comunidade (p.28).

Ao se adotar a perspectiva dialética histórica, analisam-se as estruturas espaciais. Essas são “vinculadas diretamente às transformações da sociedade produzidas pelo esforço de acumulação de capital e pela luta de classes” (Gottdiener, 1997, p.125). Assim, distancia-se de Lefebvre que adota a análise das relações espaciais e das relações de classes da sociedade como categorias distintas. Sabe-se, entretanto que “o espaço não pode ser reduzido apenas a uma localização ou às relações sociais da posse de propriedade – ele representa uma multiplicidade de preocupações sociomateriais” (Lefebvre, 1974, p.127). O espaço, um local fisicamente definido, mas também uma liberdade essencial e uma expressão geográfica, possibilita engajamentos em ações sociais, produz e compõe forças sociais, tornando-se, também, produto.

O espaço não pode ser estudado pela economia política tradicional. Esta abordagem, positivista, possibilita o reconhecimento de parte do espaço. Fica restrita ao espaço abstrato. Na concepção crítica social se estabelece uma relação entre valor de uso e valor de troca que se sintetiza no espaço social e no espaço abstrato de expropriação. Assim, estudamos o fenômeno do Turismo como uma entre outras relações que se aportam do espaço (Nicolas, 1999). Embora o Turismo como atividade tenha como característica sua base essencialmente espacial, nela se diferencia a lógica do lazer da lógica da produção, na qual a criação de um estatuto dialético se faz por duas categorias conflitantes. O Turismo se define como uma prática social coletiva que interage com o espaço através do deslocamento, embora seja uma prática geradora de atividade econômica.

Reforça Nicolas (1999), que o Turismo não possui categorias em uma lógica sociológica marxista. Sua relação de reprodução não se baseia na rotina da vida cotidiana, embora exista uma base dialética entre tempo de produção e tempo-livre, sua reprodução não apresenta elementos para se desenvolver esta lógica, por suas fundamentações divergentes. A atividade turística consome espaço, desde a simples visão da paisagem, aos equipamentos turísticos como base de serviço da reprodução social. As leis espaciais da atividade de produção e reprodução do tempo cotidiano se constroem diferentemente da lógica da visitação, com lógicas de criação e recriação diferenciadas da clássica formação. Um distanciamento metodológico da geografia tradicional, aproximando-se de uma geografia cercada das circunstâncias cotidianas e a da globalização, como duas dimensões a serem engendradas.

DE COLÔNIA A CENTRO INDUSTRIAL: INÍCIO DE UMA ANÁLISE SOCIOESPACIAL DE CAXIAS DO SUL

Caxias do Sul se dá por um processo tardio de formação espacial. Definida em períodos anteriores como zona de passagem, embora não tenha sido rota referencial do Sul do País

para a região meridional, sua ocupação, produção e reprodução sempre estiveram associadas aos interesses do processo de produção capitalista nacional. Cria-se, assim, a cidade e a região atualmente caracterizada como polo de desenvolvimento produtivo industrial.

A cidade se estabelece efetivamente no cenário nacional por sua estrutura de produção industrial fordista. Entretanto, alguns setores transformam ou incorporam, embora lentamente, os valores da era de serviço (pós-fordista). Tais valores estão presentes na relação industrial, de flexibilização produtiva, referência de produção nas suas ampliações em rede para abastecer as necessidades de elaboração fabril, embora se note que isso não se reflete com a mesma intensidade nas práticas cidadinas. Na produção, observam-se a instalação de empresas públicas e privadas corporativas, como as grandes representações comerciais, lotando inclusive marcas de domínio local, como as das empresas Randon, Marcopolo e Agrale. Estas são empresas aportadas de toda uma estrutura de vendas fabril, de comércio atacadista e varejista no município. Além de justificar uma estrutura de hotéis de negócios e restaurantes. Entretanto, a lógica de consumo, de formação de marcas como referência conceitual e de representação e acentuada reprodução, não se estabelece como nas grandes metrópoles mundiais.

A estrutura de lazer e recreação e outras formas de entretenimento e serviços diversificados são formadas por especificidades locais. A prestação de serviço e comércio, principalmente direcionada ao público de outros lugares, além do morador, concentra-se no centro, local de fácil acesso ao aeroporto, rodoviária e às empresas industriais. Essa área se dedica principalmente ao atendimento de necessidades básicas, como alimentação e hospedagem e pequenos comércios, embora algumas vezes para uma demanda limítrofe.

Exceção se faz à estrutura hospitalar. Sua estrutura regional dimensiona e diversifica, sinalizando o local por uma centralidade de serviços de saúde para uma grande área de influência. Assim, os diversos hospitais, localizados ao redor da área central, agregam outros elementos ao aspecto urbano da cidade, criando atratividade de pessoas diversas, entre profissionais, fornecedores e usuários do serviço e familiares. Com referência à planta da locação de unidades hoteleiras na cidade, observa-se que estas se concentram na sua área central, e atendem fundamentalmente à demanda dos visitantes das empresas industriais da região.

Entretanto, unem-se a aspectos produtivos, funcionais, localizacionais e produtivos as representações do espaço encontradas. O estudo dessas relações condiciona o reconhecimento da urbanização e seus elementos constituintes e identificados. Assim, pode-se localizar, entre outras constituições, a relação das igrejas como marco arquitetônico. Nota-se que a Igreja de São Pelegrino, situada no centro de Caxias do Sul, por exemplo, representa, entre outros aspectos, a mudança de uma representação de espaço, a expansão da relação de referência de centralidade da área central (Praça Dante Alighieri) atinge este novo espaço. A cidade transfere a referência da planta definitiva para configurar a área central entre essa igreja e a de Nossa Senhora de Lourdes, no outro extremo da área central expandida. Redefine-se o eixo de expansão da centralidade e a articulação de avenidas radiocêntricas, mesmo que por uma planta original reticulada. Na sua extremidade, mesmo com a rigidez de vias ortogonais, encontra-se nela uma releitura da lógica haussmanniana, que finaliza com a ostentação do Monumento do Imigrante e definindo um eixo urbano viário (Figura 1). É, inclusive, no extremo desta avenida, que se configuram a presença e a conquista do Estado central na reformulação do imaginário. Suas representações espaciais impostas no período da ditadura do Estado Novo, com a edificação alegórica que retrata uma associação entre o colonizador local e os setores produtivos. A representação de espaço se concebe com sua

ideologia, seus códigos, suas linguagens, como esses de associação fascista, ou mesmo com a água dos jardins públicos alterando a cor para tons de vinho para fazer uma analogia com o cultivo da uva pelo imigrante italiano.

Nos limites do município observa-se a presença de diversos templos religiosos católicos. Esses têm nos seus estilos sínteses neológicas que remete tanto ao romantismo quanto ao poder do estabelecimento na glória do cristianismo. Na forma, normalmente estilos historicistas são referenciados, prevalecendo, o neorrenascentismo e o neogótico. Sabe-se que o primeiro representa a aproximação à antiga Itália (Salomani & Debenedetti, 1981); e o segundo, as ordens religiosas vindas para a região (Gutierrez & Gutierrez, 2000), comum na busca de aproximação ao poder central de Roma. Entretanto, hoje, essas formas representam muitas outras coisas, até mesmo como espaço da modernidade e estética, de valorização do artista imigrante, do contraste entre o legal, o clérigo e as novas formas sociais, o que liga ao espaço de representação, que, nesta lógica, constitui o vivido, do morador, do visitante, do observador e do observado, em um espaço produzido, em produção social de suas relações entre o material e o espiritual.

Figura 1 – Monumento do Imigrante em Caxias do Sul, RS, definindo o eixo viário



Fonte: Pedro de Alcântara Bittencourt César (2013)

A presença do aeroporto regional da Serra Gaúcha reforça a centralidade do município. Este possibilita acesso às regiões turísticas, industriais e aos grandes centros urbanos. Deles provêm rodovias e estruturas de equipamento de lazer, hospitalidade e serviços diversificados, reforçando uma representação espacial de domínio regional. O município dá suporte urbano às zonas com forte apelo turístico, fora de seus domínios territoriais, como o Vale dos Vinhedos e a Região das Hortênsias. Na cidade de Caxias do Sul, a industrialização representa o sucesso da empreitada do assentamento migratório. Na constituição central das suas indústrias, a presença do descendente dos antigos colonizadores reforça o papel da conquista

socioeconômica. Configura-se nela importante polo metal mecânico que eclode ao sediar empresas nacionais na produção de caminhões, ônibus e máquinas e equipamentos agrícolas, reforçando a hegemonia social desses grupos.

Na cidade, na dimensão cotidiana, o discurso do trabalho se sobressai e expõe as necessidades de um setor produtivo impor suas lógicas. Observa-se um grande contraste por questões diversas, que definem contradições também diversas. Assim, espera-se apontar, mesmo que superficialmente, algumas especificidades. Inicialmente, observa-se que há uma grande necessidade sociocultural em identificar e valorizar esses descendentes citados. Imediatamente, associam-se as ordens de trabalho e produção às singularidades culturais para se estabelecer uma condição de considerar como *italiano*, mesmo àqueles nascidos no Brasil. Entretanto, sabe-se que a Itália, nação atual, caracteriza-se por um legado que justifica uma relação de ócio e de muitas festas, entre tantos eventos, como os pálios e o carnaval (Dundes & Falassi, 2006).

Reforça-se essa questão, até mesmo aqui, onde esses descendentes fazem muitas festas, entre familiares, paroquiais, de comunidades maiores e as de produção (uva, vinho, vindima, etc.). Desde a residência, com locais definidos para esses eventos, até o Pavilhão da Festa da Uva, as funções de lazer contemplam novas lógicas urbano-arquitetônicas. Inclusive estas novas lógicas configuram bairros e toda uma lógica de arruamento e estrutura urbana. Entretanto, o reconhecimento do lazer, das muitas maneiras de acolhimento turístico recai na maneira com que as forças hegemônicas da localidade definem suas representações culturais.

Caxias do Sul se reproduz com as forças marcantes da pós-modernidade. A flexibilidade produtiva se torna presente, assim como novas práticas de lazer e consumo. Porém, as formas espaciais expõem este forte contraste em ainda manter a lógica de cidade industrial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Busca-se, inicialmente, fazer a análise da visitação turística sob a ótica da produção social do espaço, mesmo que criando categorias pouco ortodoxas, porém, considerando que todo espaço social tem valores simbólicos e, em sua prática, sobressaem estes valores de representações espaciais. A urbanização cria uma lógica no cotidiano, para o assentamento e a permanência da sociedade sobre um determinado espaço. A este fenômeno associa-se a criação da vida, do cotidiano, das formas de mobilidade social verticais e horizontais.

Constata-se a urbanização turística pelas transformações do espaço apropriado pelo visitante, embora em trânsito pela cidade, criando uma sociedade de consumo e um cotidiano de acolhimento temporário, histórica e socialmente definido, em permanente transformação, acompanhando as novas centralidades da metrópole. Nesta análise, observa-se a contribuição do espaço social para a reflexão sobre o fenômeno do Turismo nos centros urbanos e seus impactos na cotidianidade da comunidade receptora, onde as relações são diluídas pela complexidade e transitoriedade das atividades.

REFERÊNCIAS

Bailly, A. (1995). Géographie regionale et représentation. In: Baylle, A. & Debardieux, B (org.) *Géographie regionale et représentation*. Paris, Anthopos, pp.25-34.

Beni, M.C. (2000). *Análise estrutural do Turismo*. São Paulo: Senac.

- Carlos, A.F.A. (1979). *Reflexões sobre o espaço geográfico*. Dissertação de Mestrado, FFLCH/DG. Universidade de São Paulo. São Paulo.
- César, P. de A.B. (2010). Urbanização Turística: esboço para a definição de uma categoria do espaço social. *Turismo em análise*. Vol. 21 (2), pp.1-15.
- Dundes A. & Falassi, A. (2006). *La terra pizza in una interpretazione del Palio de Siena*. 4ed. Florença (It): Nuova Immagine.
- Friedmann, J. & Weaver, C. (1981). *Territorio y funcion: la evolucion de la planificacion regional*. Madrid: Instituto de Estudios de Administracion Local.
- Gottdiener, M. (1997). *A produção social do espaço urbano*. São Paulo: Edusp.
- Gutierrez, E. & Gutierrez, R. (2000). *Arquitetura e assentamento ítalo-gaúcho. (1875-1914)*. Passo Fundo, RS: EdUPF.
- Haesbaert, R. (2007). *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand.
- Harvey, D. (1996). *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola.
- Konder, L. (2009). *Marxismo e alienação: contribuição para um estudo do conceito marxista de alienação*. São Paulo: Expressão Popular.
- Lefebvre, H. (1974). *The production of space*. Oxford & Cambridge: Blackwell.
- Lefebvre, H. (1961). *Critique de La vie quotidienne II: Fondements d'une sociologie de La quotidienneté*. Paris: L'arche Editeur.
- Luchiar, M.T. (1998). Urbanização turística: um novo nexos entre o lugar e o mundo. In: Lima, Luiz Cruz (org.). *Da cidade ao campo: a diversidade do saber-fazer turístico*. v.2, Fortaleza: UECE, pp. 15-29.
- Marx, K. (1991). *Manuscrito econômico filosófico e outros textos escolhidos*. São Paulo: Nova Cultural.
- Mullins, P. (1991). Tourism urbanization. In: *International Journal of Urban Regional Research*. V.15 (3), pp.326-342.
- Nicolas, D.H. (1999). Elementos para um analisis sociogeografico del Turismo. In: Rodrigues, Adyr A. B. (org.). *Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoque regionais*. São Paulo: Hucitec, pp.39-54.
- Salomani, A. & Debenedetti, E. (1981). *Arquitetura italiana em São Paulo*. São Paulo: Perspectiva.
- Santos, M. (1985). *Espaço e método*. São Paulo: Nobel.
- Santos, M. (2004a.). *A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Edusp.

Santos, M. (2004b). *O espaço dividido*: Os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos. São Paulo: Edusp.

Soja, E.W. (1993). *Geografia pós-modernas*: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Zahar.

Timms, D. (1976). *El mosaico urbano*: hacia una teoria de la diferenciacion residencial. Madrid: Instituto de Estudios de Administracion Local.